

CONSIDERAÇÕES SOBRE O “MESMO” EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

CONSIDERATIONS ON “MESMO” IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Andressa D'Ávila¹

RESUMO: O presente trabalho se propõe a apresentar algumas considerações iniciais sobre a semântica do “mesmo” em português brasileiro (PB), expondo as duas únicas análises que se dedicam exclusivamente a ele, Vogt (1977) e Guimarães (2010). Nosso objetivo é mostrar os pontos convergentes — que supostamente as propostas não teriam —, como a noção de escalaridade, bem como apontar os aspectos que ainda não foram mencionados pela literatura que trata do “mesmo” em PB.

Palavras-chave: mesmo; argumentação; focalização.

ABSTRACT: The present paper aims to present some initial considerations regarding semantics on the word “mesmo” (same) in Brazilian Portuguese (PB), expounding the only two analyses that deal with it exclusively, by Vogt (1977) and Guimarães (2010). Our objective is to show points of convergence — which these two proposals wouldn't supposedly have —, such as the notion of scale, as well as to point out the aspects that have yet to be mentioned by literature that deals with “mesmo” in PB.

Keywords: mesmo; argumentation; focalization.

1. INTRODUÇÃO

As questões que serão discutidas a seguir surgiram da comparação das duas análises mais substanciais do “mesmo” em português brasileiro (PB), a saber, Vogt (1977) e Guimarães (2010). Nosso objetivo é chamar a atenção para algumas particularidades que as propostas consultadas não incluem em suas considerações.

Se pensarmos em contextos nos quais o “mesmo” pode aparecer, veremos que ele é capaz de contribuir para a significação das sentenças de maneiras diferentes, isto

¹ Mestranda em estudos linguísticos, UFPR.

é, o “mesmo” parece indicar coisas distintas a depender da posição na sentença, da entonação, entre outros fatores, como ilustram os exemplos abaixo:

- (1) a. Mesmo o João ama a Maria.
- b. O João ama mesmo a Maria.
- c. O João ama a Maria mesmo.

Quando ouvimos a sentença (1a), entendemos, em função da presença do “mesmo”, que o fato de o João amar a Maria causa alguma surpresa, i.e., não era esperado que o João fosse um dos indivíduos que amam a Maria. Já em (1b), podemos, a depender da prosódia empregada, interpretar através da paráfrase de que (i) não era esperado que a Maria fosse um dos indivíduos que o João ama:

- (2) O João ama mesmo a Maria, que é muito chata.

Ou ainda, podemos percorrer a leitura de que (ii) o João ama a Maria intensamente:

- (3) João ama mesmo a Maria, ele assistiu todas as comédias hollywoodianas açucaradas por causa dela.

Essa última possibilidade de interpretação também aparece com bastante frequência em estruturas como:

- (4) O José bebeu muito na festa da Maria, mas quem bebeu mesmo foi o João.

Isto é, o João bebeu intensamente e, nesse contexto, mais do que o José, que já bebeu muito.

A leitura de intensidade, em (ii), pode ser feita também para (1c), enquanto que a interpretação (i) não parece ser a mais saliente para esse caso, embora não a descartemos completamente:

- (5) O João ama a Maria mesmo, ele parou de comer pizza porque ela pediu.
- (6) (?) O João ama a Maria mesmo, que é muito chata.

Essas são, na verdade, algumas das possibilidades de ocorrência do “mesmo”. A diversidade de contextos nos quais ele pode aparecer é bastante grande, como ilustram os exemplos abaixo:

(7) a. O mesmo carro que furou o sinal bateu no muro.

Os mesmos carros que furaram o sinal bateram no muro.

b. A mesma moto que furou o sinal bateu no muro.

As mesmas motos que furaram o sinal bateram no muro.

c. Vai ele mesmo até à imobiliária.

Vão eles mesmos até à imobiliária.

d. Vai ela mesma até à imobiliária.

Vão elas mesmas até à imobiliária.

(8) a. Entreguei o(s) livro(s) à editora para posterior publicação do(s) mesmo(s).

b. Entreguei a(s) coletânea(s) à editora para posterior publicação da(s) mesma(s).

Os exemplos em (7) mostram um “mesmo”, classificado pela Gramática Tradicional (daqui em diante, GT) como pronome demonstrativo, que possui características nominais, pois faz concordância de gênero e número, ao contrário daquele apresentado em (1). As sentenças em (8) também são sensíveis à concordância, além de terem função anafórica, o que não acontece nem em (1), nem em (7).

Vamos, a seguir, começar a expor mais cuidadosamente a complexidade que o “mesmo” impõe à análise semântica a partir da apresentação das propostas que deram origem a esta pesquisa. No início do presente estudo, foram eleitas duas análises concorrentes em alguma medida em relação à semântica do “mesmo”: uma delas o considera um operador argumentativo e a outra o concebe como um focalizador, tal como definido em Ilari (1996). Foi apresentada, naquela altura, como representativa

da abordagem argumentativa, a análise de Vogt (1977); para o presente trabalho, escolhemos outras fontes cujas considerações são aplicadas por esse autor aos dados do PB. Desse modo, já que a questão que nos concerne aqui não ganha nas reflexões de Vogt nenhum novo contorno, por não ser objetivo de sua pesquisa², iremos nos dedicar às ideias de Ducrot (1981) e Anscombre e Ducrot (1994 [1983])³, nas quais as questões sobre o “mesmo”, do ponto de vista da argumentação, aparecem de maneira mais detalhada. Em relação ao “mesmo” como focalizador, apresentaremos a proposta de Ilari (1996), que consiste em um trabalho descritivo sobre os advérbios do PB, e Guimarães (2010), texto que dialoga fortemente com Ilari (1996). Cada um desses trabalhos olha para aspectos distintos da significação da partícula em questão.

O objetivo desta pesquisa é então investigar o caminho percorrido por esses trabalhos que se dedicam a explicitar os mecanismos envolvidos no papel semântico do “mesmo”.

2. O “MESMO” COMO OPERADOR ARGUMENTATIVO

Como já mencionamos, na literatura sobre o PB, uma das análises mais significativas sobre o “mesmo” está em Vogt (1977) e foi originalmente proposta para o francês, *même* — as primeiras observações aparecem em Anscombre (1973). Esses autores falam a partir de uma teoria que entende as línguas naturais como uma estrutura intrinsecamente argumentativa e, por essa razão, não redutível a um sistema de valores de verdade, como assumem outras perspectivas em relação à natureza do significado. Nos trabalhos de Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot, autores que desenvolveram a *Teoria da Argumentação na Língua*, o “mesmo”, ao lado do “mas”, é

² Vogt (1977) pretende olhar com detalhamento para o funcionamento das estruturas comparativas, o que não é, no momento, nosso foco.

³ Consultamos a segunda edição da tradução espanhola, publicada em 1994. A primeira edição da tradução é de 1988.

um dos itens lexicais que mais aparecem e que, segundo eles, é dos exemplos mais ilustrativos da ideia de que a noção de argumentação está inscrita no funcionamento das línguas.

Em Ducrot (1981)⁴, encontramos os conceitos mais fundamentais para a análise do “mesmo” no âmbito dessa teoria, a qual, segundo o autor, se insere em uma linha de estudos semânticos, de viés estruturalista, que pretende incluir na língua aspectos relativos à fala:

Partiremos da observação, bastante banal, que muitos atos de enunciação têm uma função argumentativa, que eles objetivam levar o destinatário a uma certa conclusão, ou dela desviá-lo. Menos banal, talvez, seja a ideia de que essa função tem marcas na própria estrutura do enunciado: o valor argumentativo de uma frase não é somente uma consequência das informações por ela trazidas, mas a frase pode comportar diversos morfemas, expressões ou termos que, além de seu conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, a conduzir o destinatário em tal ou qual direção (DUCROT, 1981, p. 178).

Citando Anscombre (1973), o autor afirma haver uma impossibilidade de se oferecer uma descrição apenas informacional de enunciados com “mesmo”. Isso se dá uma vez que não seria possível dizer algo como “até mesmo Pedro veio”⁵ sem que haja intenção de apresentar, ao interlocutor, a vinda de Pedro como prova de alguma coisa, como o sucesso de uma festa, por exemplo. Esse caráter argumentativo estaria além de apresentar a vinda de Pedro como improvável; nesse sentido, o “mesmo” faria com que a proposição por ele inserida fosse utilizada como argumento e que esse argumento fosse também dado como mais forte em relação a certa conclusão pretendida pelo locutor (cf. DUCROT, 1981, p. 179-80). Assim, do ordenamento de força entre argumentos se segue a noção de **escala argumentativa**.

⁴ Ducrot (1981) é a tradução brasileira do original *La preuve et le dire*, de 1973.

⁵ Exemplo de Ducrot (1981, p. 179). Nas traduções para o português, e também nos exemplos de autores brasileiros (ver Guimarães (1987), Vogt (1977), entre outros), “mesmo”, “até” e a locução “até mesmo” são consideradas expressões intercambiáveis.

Essencial para caracterização de uma escala argumentativa é a noção de **classe argumentativa**. Considerando que dois enunciados, **A** e **B**, são apresentados por um locutor como sendo argumentos a favor de uma mesma conclusão **r**, isso irá significar que **A** e **B** pertencem à mesma classe argumentativa determinada por **r**. Vejamos o exemplo apresentados por Vogt (1977) para ilustrar essa questão:

(9) Paulo veio e João veio também.

Segundo Vogt, para o locutor de (9), tanto a vinda de Paulo quanto a de João caracterizam argumentos a favor de uma conclusão como “A festa da Maria foi um sucesso”. Ou seja, ambos os enunciados que constituem o encadeamento fazem parte de uma mesma classe argumentativa definida relativamente à conclusão “A festa da Maria foi um sucesso”. No interior desse conjunto de argumentos, o locutor pode estabelecer uma relação de ordem entre eles, constituindo assim uma escala argumentativa.

Em (9), o “também” seria responsável por localizar os dois argumentos no mesmo ponto da escala. O “mesmo”, ao contrário do “também”, marcaria então uma relação de ordenamento em relação a uma conclusão depreendida do contexto, ou seja, dados dois enunciados quaisquer, o “mesmo” irá dispor esses enunciados, de modo que o segundo seja apresentado como um argumento mais forte que o antecedente, como em (10) abaixo:

(10) A festa estava ótima. O Pedro veio e até mesmo o João estava lá.

A vinda de João é, de acordo com essa análise, apresentada como sendo mais forte, enquanto argumento, do que a vinda de Pedro, para que a festa possa ser considerada um sucesso.

Ducrot (1981) afirma que se o locutor coloca dois enunciados quaisquer, **p** e **p'**, na mesma classe argumentativa, só é possível dizer que ele considera **p'** mais forte que **p** se:

[...] aos olhos desse locutor concluir que p a r implica que se aceite concluir p' a r , a recíproca não sendo verdadeira. Por outras palavras, p' é, para mim, mais forte que p em relação a r , se, de meu ponto de vista, contentar-se com p como prova de r , implica contentar-se também com p' (DUCROT, 1981, p. 181)⁶.

Nesse sentido, em relação ao exemplo (10), se é aceitável que a vinda de Pedro constitui um argumento para que a festa tenha sido ótima, então é preciso que se aceite a vinda de João também como um argumento para a mesma conclusão. No entanto, de acordo com a definição de Ducrot, aceitar a vinda de João como argumento para a festa ter sido ótima, não implica aceitar que a vinda de Pedro também sirva de argumento para a mesma conclusão.

Muito mais haveria para dizer sobre a abordagem argumentativa — em especial, sobre a noção de escalaridade —, no entanto, em função dos propósitos deste artigo, encerraremos aqui e passaremos para a proposta de Guimarães (2010). Antes disso, vale dizer que, como se vê em (10), e como mencionado em nota, Vogt considera “mesmo”, “até” e a locução “até mesmo” como expressões com o mesmo funcionamento semântico (cf. VOGT, 1977, p. 95) e, como decorrência disso, considera que todas elas se encaixam na análise análoga para o *même*. Na maioria das menções feitas ao longo do texto, o operador aparece como “mesmo”; no entanto, em alguns exemplos é usado o “até mesmo”. Além de ser um tipo de tratamento um pouco inconsistente, nem sempre a sentença soa natural quando trocamos os itens:

(11) O Pedro veio e mesmo o João estava lá.

A sentença (11) causa algum estranhamento, o que não acontece com a introdução do “até”, como em (10). Deve haver alguma particularidade na denotação desse último que explique a razão pela qual algumas sentenças só parecem naturais se ele estiver presente. Isso indica que esses operadores contribuem de maneira ligeiramente diferente para o significado da sentença e devem, portanto, receber

⁶ O termo “implicar” não é usado por Ducrot no sentido de implicação lógica; ao contrário, o autor propõe a substituição da relação de implicação por uma relação argumentativa.

tratamentos distintos. A propósito, a diferença entre esses dois itens é mencionada por Ilari, em comentários ao número 52 do Caderno de Estudos Linguísticos, no qual foi publicado o texto de Guimarães (2010). Ao falar especificamente sobre o texto de Guimarães, Ilari diz que

A análise que eu propus (no artigo de 1996) para o focalizador “mesmo” era inadequada, e a razão disso foi o fato de eu ter confundido dois usos diferentes do “mesmo”: o uso como focalizador e o uso em que ele aparece ao lado do operador argumentativo “até”, em frases como “Até mesmo o prefeito esteve presente ao enterro”. Por causa dessa confusão, acabei transferindo para o mesmo-focalizador características que são de fato do “até” de argumentação, e isso gerou resultados inadequados (ILARI, 2010, p. 313).

Não será nossa proposta delinear essas distinções aqui, mas esperamos que as nossas considerações sobre o “mesmo” possam lançar alguma luz sobre essa questão.

3. O “MESMO” E AS OPERAÇÕES DE FOCALIZAÇÃO.

A segunda análise que tem o “mesmo” como objeto é proposta por Guimarães (2010) cujos pontos de partida são os textos de Ilari (1993, 1996). Esses trabalhos de Ilari são parte de uma pesquisa sobre a classe dos advérbios em geral, tendo como objetivo apresentar uma classificação menos confusa e vulnerável que a da GT⁷. Percebeu-se durante a análise do *corpus* — dados do NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta) — que as funções desempenhadas pelos advérbios são nitidamente diferentes e essas diferenças ficam camufladas em uma única função genérica de modificação.

Com base nesses dados, Ilari propõe uma tipologia na qual os usos variados dos advérbios pudessem se acomodar. Um desses tipos é o **advérbio focalizador**, categoria na qual se encaixa, entre outros, o “mesmo”. Ilari irá propor uma noção geral

⁷ Para detalhes sobre essas análises ver, entre outros, Ilari (2007).

de focalização, dizendo que uma expressão realiza uma operação de focalização quando:

[...] i) aplicada a um segmento de oração ii) explicita que esse segmento fornece informações mais exatas que a média do texto, em decorrência de uma operação prévia de verificação iii) [...] que, por sua vez, implica um roteiro próprio, por exemplo, a comparação implícita com algum modelo ou parâmetro recuperável no co(n)texto (ILARI, 1996, p. 196).

Tendo em vista essa definição, o autor trata as expressões focalizadoras a partir de sua divisão em seis grupos, separadas por operações de verificação que, segundo Ilari, estariam em jogo no uso dessas expressões:

- i) verificação de número;
- ii) verificação de proporção;
- iii) verificação de coincidência com protótipo;
- iv) verificação de identidade ou congruência;
- v) verificação de factualidade;
- vi) confronto de topologias.

A operação que vai nos interessar aqui é a **verificação de coincidência com protótipo**, que “pode indicar que uma propriedade ou relação se realiza de maneira 'prototípica' ou 'exemplar'” (ILARI, 1996, p. 188)⁸. Ainda que o “mesmo” apareça na lista de focalizadores responsáveis por verificação de coincidência com protótipo⁹, não há nenhum exemplo dessa categoria no texto de Ilari (1996) no qual o “mesmo” figure; será em Guimarães (2010) que encontraremos exemplos. Esse autor irá dizer que alguns usos do operador em análise implicam no fato de que “as diversas predicções possíveis de uma qualidade ou relação com relação a um indivíduo sejam entendidas

⁸ Ilari não apresenta nenhuma definição precisa do que está sendo tomado por “protótipo” em sua análise. Guimarães (2010), embora se desvincule de teorias semânticas de protótipos (cf. GUIMARÃES, 2010, p. 288), também não dá uma definição clara do que seja um protótipo.

⁹ “Os advérbios que se prestam a essa função são, até certo ponto, os mesmos das duas secções anteriores: *exatamente; bem; logo; propriamente; realmente; mesmo.*” (ILARI, 1996, p. 188).

como passíveis de uma gradação por aproximação” (GUIMARÃES, 2010, p. 288). Esse seria o tipo de operação realizada em (12)¹⁰, por exemplo:

(12) [...] e acredito que o estouro mesmo veio na faixa do- do oitenta, né? Da década de oitenta, né? onde abriram casas de- de nomes tradicionais no comércio, né?

De acordo com o autor, a década de oitenta, entre outros momentos possíveis, é aquela em que aconteceu o estouro (do aumento da concentração de casas comerciais em uma rua importante de Curitiba e consolidação dessa rua como eixo comercial da região sudeste da cidade). Daí a ideia de protótipo, de verificação, entre outras opções presumíveis, de um item específico.

No entanto, segundo Guimarães, algumas ocorrências do “mesmo”, encontradas nos dados do VARSUL (Projeto de Variação Linguística na Região Sul do Brasil), não se encaixam na operação descrita acima, como mostra o exemplo (13):

(13) família de- de agricultores, não podia ser dispensado o trabalho dos filhos, mesmo os novinhos, que mal poderiam segurar uma enxada, tinham que ir pra roça, como eles diziam.

De acordo com o autor, a questão em jogo aqui não é uma instância mais prototípica de “os filhos”, que seriam, nesse caso, “os [filhos] novinhos”. Teríamos, em lugar disso, uma operação de figura e fundo, na qual o sintagma “os [filhos] novinhos” seria a figura que contrasta com “os filhos”, sendo, portanto, uma relação de subclasse e classe. A essa nova operação, Guimarães (2010) chama **verificação por extensão para instâncias-limite**.

Note que há ainda outra diferença entre (12) e (13) que motiva a proposta de Guimarães; em (13) o “mesmo” está anteposto à categoria sobre a qual tem escopo, enquanto que em (12) o operador se encontra posposto à categoria focalizada. Tendo em vista essa diferença de distribuição, Guimarães apresenta esboços de formalização

¹⁰ Os exemplos (12) e (13) foram retirados de GUIMARÃES (2010).

para esses dois tipos de “mesmo”, afirmando não se tratar de um modelo completo, tampouco sofisticado de interpretação. O “mesmo” que marca a verificação por coincidência com um protótipo, isto é, que trabalha com instâncias distintas de uma mesma categoria, apontando uma delas como mais prototípica do que as outras, entraria em uma forma geral como a que segue abaixo:

(14) [[[CAT] FOC]_{PROT} INST₁]

Vamos explicar a fórmula a partir do exemplo (12), no qual “o estouro” é, segundo o autor, a categoria (**CAT**) da qual se extrai o protótipo (**PROT**), assim, o focalizador (**FOC**) “mesmo” é responsável por tomar essa categoria como argumento formando o termo que denota o protótipo com o qual se faz a identificação:

(15) [[o estouro] **mesmo**]

Construído o protótipo, insere-se a instância (**INST**) a ser identificada com ele, como mais central. No caso de (12), de acordo com a argumentação do autor, essa instância seria a predicação “foi na década de oitenta”, completando a fórmula proposta:

(16) [[[O estouro]_{CAT} **mesmo**_{FOC}]_{PROT} [veio na década de oitenta]_{INST}]

De acordo com o autor, é possível pensar nos termos de uma teoria de conjuntos para dar conta dessa operação:

[...] o protótipo de uma categoria pode ser entendido como uma espécie de subconjunto dessa categoria — não qualquer subconjunto, mas um subconjunto central. Uma expressão como *mesmo*, então, denotaria uma função que extrairia esse subconjunto central de um determinado conjunto denotado pelo termo modificado. O que poderia caracterizar esse subconjunto poderia ser algum tipo de grau (de intensidade) de predicação da propriedade que o caracteriza. Assim, a delimitação de um conjunto não seria feita no modelo clássico, em que uma linha dividiria os elementos do Universo Discurso pertencentes a esse conjunto, mas por círculos concêntricos conforme alguns elementos fossem mais típicos do conjunto do que outros (GUIMARÃES, 2010, p. 293).

O autor diz ainda que haveria um tipo de gradação à qual estaria condicionada a relação de pertencimento de um elemento a determinado conjunto, gradação que

poderia ser dada por “pertence com um grau x , em que x seria um valor em uma escala”. A representação gráfica dessa relação entre conjuntos seria como a ilustrada abaixo:

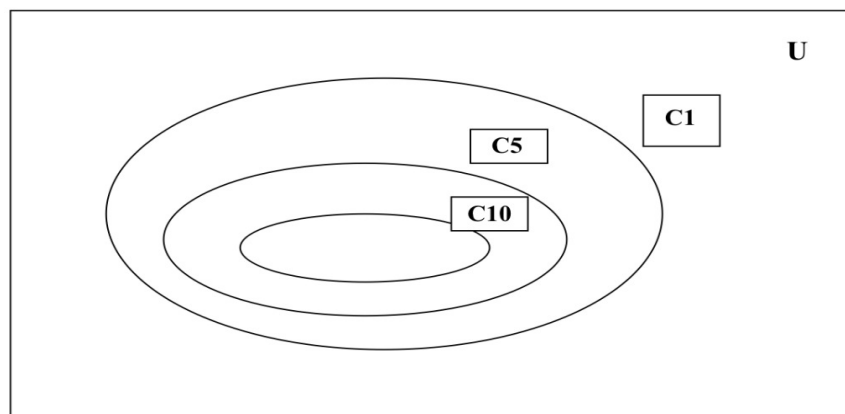


Figura 1— Coincidência com protótipo na teoria de conjuntos (GUIMARÃES, 2010, p. 293)

Agora, consideremos a sentença apresentada em (17):

(17) nós se damos bem, sabe? se gostamos bem, apesar de que- que com os parentes lá da minha- do meu pai se damos bem mesmo com as minhas primas lá, com meus primos.

Para Guimarães (2010), é possível pensar um conjunto C , graduável, dos indivíduos “com quem se damos bem”, em que o subconjunto $C1$ contém todos os elementos y tal que esses elementos pertencem a C em um grau maior que zero, o subconjunto $C5$ contém os elementos y que pertencem a C em um grau maior que 0,5 e o subconjunto $C10$ contém os elementos y que pertencem a C em grau igual a 1,0; isso para uma escala de 0 a 1,0.

Relativamente à verificação por extensão para instâncias-limite, Guimarães diz que:

De uma certa forma, o processo aqui é o inverso do processo anterior: é uma determinada predicação que é verificada através de sua distribuição por suas instâncias, não uma instância que é comprovada pela situação (mais central ou não) com relação a uma predicação. E, enquanto o processo anterior implicava a

delimitação de um protótipo, de um núcleo da predicação, com a exclusão das instâncias mais marginais desse núcleo, este processo implica a extensão dessa predicação para instâncias mais marginais (GUIMARÃES, 2010, p. 294).

A forma geral proposta para esse caso é, então:

(18) [[CAT][FOC [INST₁]]_{EXT}]

A partir de (13), exemplo que, segundo Guimarães, é representativo dessa operação, temos que **CAT**, a categoria mais geral, é “os filhos” e a instância a ser incluída na extensão dessa categoria (**INST**) é “os novinhos”. O focalizador (**FOC**) “mesmo” é responsável por compor com essa última instância o termo que denota a extensão (**EXT**) da categoria mais geral a uma instância adicional (cf. GUIMARÃES, 2010, p. 295). Dessa forma, o exemplo (13) se acomoda à formalização em (18) da seguinte maneira:

(19) Não podia ser dispensado o trabalho d[[os filhos]_{SN} [**mesmo**_{FOC} [os novinhos]_{INST}]]_{EXT}

O próprio autor admite que outras operações podem ser expressas pelo “mesmo” e que fica para trabalhos futuros um quadro geral mais bem delineado sobre esses outros usos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS QUESTÕES

Deve-se ter notado que os exemplos analisados do ponto de vista argumentativo também podem se encaixar na operação de verificação por extensão para instâncias-limite, proposta por Guimarães (2010). Já o “mesmo” responsável pela verificação por coincidência com protótipo, aquele que aparece posposto ao item sobre o qual atua, não aparece nas considerações sobre o papel argumentativo do operador. Embora

haja, em Anscombe (1973), uma separação, que o autor chama de duas categorias distintas de *même*¹¹:

(20) *Elle lit même le sanscrit.*

Ela lê mesmo em sânscrito.

(21) *M. Brejnev désirait être logé non pas à Versailles, mais à Paris même.*

Sr. Brejnev não desejaria estar hospedado em Versailles, mas em Paris mesmo.

Sobre (21), Anscombe (1973, p. 41) afirma que:

Não é dito, de nenhuma maneira, que o Sr. Brejnev gostaria de estar hospedado em outro lugar que não em Paris: ao contrário, o *mesmo* utilizado em [23] exerce um papel especificador *spécifiant*; ele serve para indicar que Sr. Brejnev não gostaria de estar alojado em outro lugar que não em Paris. [...] Ele exclui não somente tudo aquilo que não é Paris, mas de maneira particular, tudo o que é próximo à Paris, a saber, a periferia.

Essa ideia de exclusão, presente em (21), não se aplicaria em (20), sentença que, de acordo com o autor, só se pode compreender se é admitida a existência de outras línguas nas quais também se pode ler. Em síntese, o "mesmo" poderia ora destacar um elemento entre outros que podem ficar implícitos, ora excluir outros elementos e especificar apenas um; essa separação é bastante compatível com as ideias apresentadas em Guimarães (2010). O "mesmo" em (20) parece se encaixar na definição de verificação por extensão para instâncias-limite, já que focaliza "em sânscrito", que se apresenta como categoria limite de outras línguas, provavelmente recuperáveis ou presumíveis do contexto. Por outro lado, podemos dizer que o "mesmo" em (21), de alguma maneira, localiza Paris como central, excluindo a opção em relação a Versailles, que fica no subúrbio parisiense. Essa distinção, porém, não é desenvolvida nos trabalhos que se seguiram e o centro das discussões sobre o *même* em Semântica Argumentativa fica sendo aquele que aparece em (21) — consequência

¹¹ Exemplos (20) e (21) foram extraídos de Anscombe (1973).

disso é que os trabalhos sobre o PB, a partir dessa teoria, também só colocam esse “mesmo” em questão.

Sobre a análise de Guimarães, podemos pensar se é efetivamente necessário postular mais um tipo de operação para o “mesmo”. Retomando brevemente o que se disse a respeito de (13), pode-se dizer que nesse exemplo a questão não era uma instância mais prototípica de “os filhos”, que seriam, nesse caso, “os [filhos] novinhos”, mas haveria, ao contrário, uma operação contraste na qual o sintagma “os [filhos] novinhos” contrastaria com “os filhos”, sendo, portanto, uma relação de subclasse e classe. No entanto, se tomarmos não apenas “os filhos”, mas sim “o trabalho dos filhos”, parece haver então uma relação entre uma instância mais prototípica de trabalho, em oposição a uma instância menos prototípica, que seria “os [filhos] novinhos”. Algum ajuste na definição de protótipo talvez fosse capaz de dar conta disso, sem que seja preciso mais uma subclassificação dos focalizadores.

É importante destacar também que as três análises tendem à noção de escalaridade, embora essa ideia seja apenas assumida para Anscombre e Ducrot (1994) de maneira explícita. E, por consequência, para Vogt (1977) esse conceito é central. Guimarães propõe um conjunto graduável como possibilidade de formalização da verificação por coincidência com protótipo, já que focalizar uma predicação, entre outras menos prototípicas, é dispor predicados em uma escala de “prototipicidade”. Além disso, também a verificação por extensão para instâncias-limite pode ser pensada em termos de escalaridade, na medida em que há uma relação entre instâncias mais centrais e outras mais periféricas relativamente a uma predicação.

O que interessa notar aqui é que o “mesmo” pode ter comportamentos semanticamente distintos e, portanto, estamos diante de algum tipo de fenômeno que gera essa multiplicidade de sentidos. Nosso objetivo aqui foi iniciar uma discussão que possa, em pesquisas futuras, auxiliar na unificação no tratamento semântico dado a essa partícula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSCOMBRE, J. C. Même le roi de France est sage. *Communications/Le sociologique et le linguistique*, n. 20, 1973.

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. *La argumentación en la lengua*. 2. ed. Tradução de Julia Sevilla e Marta Tordesillas. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

DUCROT, O. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. Global, 1981.

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas: Editora Pontes, 1987.

GUIMARÃES, M, R. O focalizador 'mesmo': verificação por coincidência com um protótipo versus verificação por extensão para instâncias-limite. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 02, n. 52, 2010.

_____. Advérbios focalizadores. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado II: níveis de análise linguística*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. *Alfa*, v. 51, n. 01, p. 151–174, 2007.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a ordem dos advérbios. In: CASTILHO, A. de. *Gramática do português falado I: a ordem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

VOGT, C. *O intervalo semântico*. São Paulo: Ática, 1977.